

## Rock Camp Curitiba: um espaço de inclusão e empoderamento de mulheres e pessoas LGBTQIA+

### Comunicação

#### GTE 15 – Gênero e Sexualidade na Educação Musical

*Thalita Xavier Baida de Arruda*

*Universidade Estadual do Paraná - Campus Curitiba II (FAP)*

*thalitaarruda28@gmail.com*

*Beatriz Woeltje Schmidt*

*Universidade Estadual do Paraná - Campus Curitiba II (FAP)*

*beatrizwschmidt@gmail.com*

*Solange Maranhão Gomes*

*Universidade Estadual do Paraná - Campus Curitiba II (FAP)*

*solange.maranhao@unespar.edu.br*

**Resumo:** Este texto apresenta uma pesquisa em andamento, oriunda de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR- FAP). A pesquisa configura-se como um estudo de caso de um projeto social imersivo, voltado para mulheres cis e dissidências de gênero, que ocorre na cidade de Curitiba. O projeto promove o empoderamento das pessoas envolvidas, por meio de práticas pedagógico- musicais e oficinas que abordam identidade e inclusão. Por ser um evento completamente transversalizado por questões de gênero, esta pesquisa tem como objetivo investigar como este contribui para a autonomia e representatividade das mulheres e pessoas LGBTQIA+ que o frequentam, embasada por uma fundamentação teórica sobre estudos de gênero e conceitos de uma educação musical emancipatória.

**Palavras-chave:** Rock Camp Curitiba; LGBTQIA+; Educação Musical.

### Introdução

Este texto apresenta uma pesquisa de conclusão de curso em andamento, situada na graduação de Licenciatura em Música da UNESPAR, campus Curitiba II (FAP). O objeto de pesquisa escolhido foi o Rock Camp da cidade de Curitiba, um projeto social imersivo voltado para meninas, mulheres, pessoas trans e dissidências de gênero, que utiliza a música como ferramenta para o empoderamento das participantes. O estudo tem como objetivo investigar como esse ambiente contribui para a autonomia, o empoderamento e a representatividade de mulheres e pessoas LGBTQIA+ que frequentam o projeto. Para isso, será realizada uma

análise dessas experiências, em diálogo com o conceito de educação musical emancipatória e estudos de gênero na Educação Musical.

A motivação para a realização desta pesquisa está centrada nas vivências de uma das autoras deste trabalho, que está concluindo o curso de Licenciatura em Música, no intuito de exercer o pensamento crítico sobre suas experiências artísticas e músico-pedagógicas. De modo a aproximar os/as leitores/as dessas vivências particulares e significativas, o trecho a seguir será narrado em primeira pessoa.

Por ser uma pessoa não binária e bissexual, as questões de gênero e sexualidade sempre estiveram presentes em meu cotidiano. Nesse sentido, encontrei no Rock Camp Curitiba uma comunidade que não só abrange, bem como empodera e celebra mulheres cis, pessoas trans, e a comunidade LGBTQIA+ como um todo. Atuei como voluntária em três edições do projeto e como participante em uma outra edição. Ao longo das minhas participações, meu envolvimento com o Rock Camp Curitiba foi mudando, principalmente após retornar para a Licenciatura em Música. Os estudos em educação musical me proporcionaram um olhar mais crítico e reflexivo e, conseqüentemente, passei a observar mais a fundo as experiências musicais e socioculturais que ocorriam no projeto. Além disso, nesse processo de formação como educadora musical, surgiram alguns questionamentos sobre a visibilidade de pessoas LGBTQIA+ no campo acadêmico. Todas essas experiências e inquietações, foram determinantes para a escolha do Rock Camp Curitiba como campo de pesquisa.

O Rock Camp Curitiba ocorre cerca de duas vezes por ano, e tem duração de uma semana. Durante esse período as participantes têm aulas de instrumento, formam grupos, compõem músicas e se apresentam ao final. Além de atividades pedagógico-musicais, também ocorrem oficinas de empoderamento, identidade e inclusão. Vale ressaltar, que toda a equipe envolvida no evento é composta por mulheres cis e dissidências de gênero, que participam de forma voluntária.

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, a metodologia utilizada foi o estudo de caso, pois, de acordo com Gil (2007), esse tipo de pesquisa permite explorar aspectos de um fenômeno dentro de seu contexto real de forma detalhada. Nesse sentido, segundo Yin (2001), o estudo de caso é especialmente útil quando se busca compreender questões complexas e inter-relacionadas, além de ser eficaz para a compreensão de fenômenos sociais e políticos.

Nesta primeira fase do estudo, foi realizada uma busca em fontes documentais, como sites e cartilhas da *Girls Rock Camp Alliance*<sup>1</sup>, e uma revisão de literatura acerca dos trabalhos já publicados sobre o Rock Camp. As próximas etapas da pesquisa contam com a análise de entrevistas aplicadas em janeiro de 2025, com as organizadoras do projeto da cidade de Curitiba.

## Revisão de literatura

A revisão de literatura foi realizada junto aos portais de pesquisa Google Acadêmico e Academia.edu, além de uma busca nos anais dos congressos nacionais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), e em publicações da revista da ABEM. A busca foi efetuada no período de 2016 a 2025, utilizando as palavras-chave: Rock camp; Girls Rock Camp<sup>2</sup>.

Foram encontrados um total de oito trabalhos, sendo três da área da música: uma dissertação de mestrado (Jacometi, 2023), e duas publicações em eventos científicos (Martins, 2017; Nogueira; Martins, 2018). Já os cinco trabalhos restantes contemplam outras áreas do conhecimento, como Jornalismo e Comunicação: sendo quatro artigos derivados de periódicos e anais de congressos (Gelain; Amaral, 2017; Guerra *et al.* 2017); Nogueira; Gelain, 2018; Guerra *et al.* 2021), e uma dissertação de mestrado (Reyes, 2023).

A seguir apresentamos um quadro organizado com ano, autor(as), área do conhecimento e títulos dos trabalhos encontrados, expondo as publicações por ordem cronológica.

---

<sup>1</sup> O Girls Rock Camp (GRC) é um evento que ocorre em diversas partes do mundo, e a Girls Rock Camp Alliance é uma rede internacional que conta com membros dos GRC's de todo o mundo.

<sup>2</sup> Faz-se distinção entre os termos "Girls Rock Camp" e "Rock Camp" pois a edição de Curitiba é a única que removeu o "Girls" de seu nome.

## Quadro 1: Revisão de literatura

ANO	AUTORA(AS)	ÁREA	TÍTULO
2017	Isadora Nocchi Martins	Sociologia da música	Girls Rock Camp Porto Alegre: Experiências como Voluntária
2017	Gabriela Gelain, Adriana Amaral	Comunicação	Girls Rock Camps no Brasil: Continuidade subcultural e presença Riot Grrrl
2017	Paula Guerra, Luiza Bittencourt, Rafael Lage, Gabriela Gelain	Comunicação	Tecnologias musicais, materialidades artísticas, e ativismo feminino: O caso do Girls Rock Camp Porto Alegre
2018	Isabel Porto Nogueira, Gabriela Gelain	Comunicação	Girls Rock Camp promove empoderamento feminino através da música em sua edição de Porto Alegre
2018	Isabel Porto Nogueira, Isadora Nocchi Martins	Sociologia da música	Diálogos colaborativos entre sons e empoderamento: Ciclo Sônicas, Festival Sonora e Girls Rock Camp Porto Alegre
2021	Paula Guerra, Luiza Bittencourt, Gabriela Gelain	Comunicação, Sociologia, Estudos Culturais	Brazilian girl power in a rock camp: Uma abordagem contemporânea ao “Faça Você Mesma”
2023	Amanda Jacometi	Sociologia da Música	Girls Rock Camp Brasil: a importância de espaços seguros em processos de criação e produção sonora
2023	Adrienne Pinheiro Reyes	Comunicação, jornalismo	Girls em devir/rock como signo/camp-máquina de guerra: produtos especulativos e questões de gênero na indústria da música

Fonte: produção das autoras.

A dissertação de Amanda Jacometi (2023) traz importantes contribuições para esta investigação, pois contém a maior fonte de informações sobre o Girls Rock Camp dentro da área da Música. Já o artigo de Nogueira e Martins (2017), levanta pontos fundamentais sobre a visibilidade e participação de mulheres em contextos diversos de atuação musical (aulas de

música, bandas, pesquisa acadêmica, etc). Por outro lado, os trabalhos de Gelain e Amaral (2017), Guerra *et al.* (2017), Guerra *et al.* (2021), Nogueira e Gelain (2018) e a dissertação de Reyes (2023), são relevantes quando trazem um olhar sob a ótica sociocultural para este tema.

Em sua dissertação, Jacometi (2023) utiliza a etnografia e a pesquisa insider para relatar sua experiência como voluntária no Girls Rock Camp de Sorocaba em 2023. Além de apresentar um histórico do evento, a autora faz uma relação da sua pesquisa com o movimento Riot Grrrl<sup>3</sup> dos anos 1990. No processo investigativo, Jacometi (2023) discute a divisão de gênero presente na indústria musical, posicionando o Rock Camp como um espaço de acolhimento por meio do ensino não formal de música, que rompe com os modelos tradicionais de educação musical. Além de comparar o processo do evento com sua experiência na universidade de música, a autora também traz uma análise de composições feitas pelas participantes do evento, e conclui o trabalho enfatizando a música como uma poderosa ferramenta de empoderamento individual e coletivo.

Já Martins (2017), relata sua experiência como voluntária no Girls Rock Camp de Porto Alegre. Essa mesma autora publicou outro artigo em conjunto com Isabel Porto Nogueira (Nogueira; Martins, 2018), em que as autoras discorrem sobre três eventos que promovem o trabalho colaborativo e empoderamento feminino: o Girls Rock Camp de Porto Alegre, o Festival Sonora Ciclo e o projeto Ciclo Sônicas. Para discutir o impacto desses três eventos dentro e fora do meio acadêmico, as autoras se apoiam na educação transgressora de bell hooks, além de apontarem a escassez de publicações envolvendo a participação feminina, trazendo à tona a desigualdade de gênero.

A produção das compositoras e artistas sonoras tem estado historicamente ausente e invisibilizada no âmbito dos livros e estudos sobre produção musical, história da música e composição musical, o que justifica um trabalho de levantamento, reconhecimento e visibilidade desta música, suprimindo ausências e problematizando os silenciamentos. Ao mesmo tempo, o projeto não busca apenas um esforço compensatório, mas objetiva oportunizar a inclusão e fomento desta produção nos lugares de prática musical, a visibilidade das redes existentes e o surgimento de novas redes de colaboração, aliado à possibilidade de reflexão no ambiente acadêmico sobre as motivações, trajetórias e implicações destes processos

---

<sup>3</sup> Riot Grrrl foi um movimento punk feminista underground que surgiu no início dos anos 1990 nos Estados Unidos, especificamente em Olympia, Washington, e no noroeste do Pacífico, e se espalhou para outros países. O movimento tinha como objetivo empoderar as mulheres e desafiar o sexismo na cena punk e na cultura em geral (Amaral; Gelain, 2017).

artísticos (Martins; Nogueira, 2017, p. 2).

Nesse sentido, a dissertação de mestrado em Comunicação de Reyes (2023) aborda o Girls Rock Camp como ferramenta de enfrentamento da desigualdade de gênero, e de rompimento das estruturas tradicionais da indústria musical. Isso mostra que mesmo em outras áreas do conhecimento, é possível encontrar temáticas que se correlacionam com os trabalhos da área da Música.

Outras publicações como Gelain e Amaral (2017), Guerra *et al.* (2017), Guerra *et al.* (2021) e Nogueira e Gelain (2018) destacam o evento do Girls Rock Camp como um espaço de resistência e transformação, sobretudo para mulheres e pessoas LGBTQIA+. Dentro das áreas da Comunicação, Estudos Culturais e da Sociologia da Música, esses trabalhos trazem o Girls Rock Camp como um ambiente de construção coletiva de identidade e empoderamento, onde as participantes podem se expressar longe das barreiras de gênero presentes na sociedade.

Os debates apresentados nessas publicações trazem uma abordagem sobre a dimensão política e cultural do evento, relacionando-o com o feminismo interseccional<sup>4</sup> e o movimento Riot Grrrl dos anos 1990, mostrando como essas referências inspiram a dinâmica do Girls Rock Camp. Além disso, ressaltam a importância da coletividade nas práticas pedagógicas do projeto, que desafiam métodos convencionais de ensino e promovem uma aprendizagem baseada no afeto, no respeito às individualidades e na escuta mútua.

O ponto em comum entre todos os trabalhos pesquisados é a ênfase na abordagem em prol do empoderamento das participantes e voluntárias, bem como o impacto social que o Rock Camp proporciona a essas mulheres e pessoas LGBTQIA+. As publicações destacam que o evento funciona como um espaço de acolhimento e resistência, promovendo o acesso à música em um ambiente que desafia as estruturas tradicionais de gênero da sociedade.

Esses estudos fortalecem a compreensão do evento Girls Rock Camp como parte de uma luta contínua por representatividade e espaço para mulheres na música. Vale pontuar, que todas as autoras citadas comentam sobre as problemáticas de gênero enfrentadas no cotidiano, na indústria musical e no meio acadêmico.

---

<sup>4</sup> O Feminismo interseccional reconhece que diferentes identidades e categorias sociais (como gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência) interagem e se entrelaçam, criando experiências únicas de opressão e desigualdade (Freitas; Maia, 2024).

## Fundamentação teórica

Para análise dos acontecimentos no Rock Camp Curitiba, foi utilizado como aporte teórico autoras(es) que discutem os estudos de gênero na educação musical, e autoras(es) que fundamentam uma educação musical emancipatória. Essas escolhas reforçam que, além das ações pedagógico-musicais, o evento compreende uma dimensão social e política, principalmente por meio do viés feminista. Abaixo seguem alguns dos conceitos estudados nessa primeira fase da pesquisa.

### Estudos de gênero na educação musical

Para dar conta de analisar e compreender a complexidade social e política do Rock Camp Curitiba, foi necessário o aprofundamento teórico por meio de trabalhos de autoras(es) que interseccionam gênero, sexualidade e educação musical - visto que o Girls Rock Camp é um projeto idealizado por/para mulheres, com objetivo principal de promover o empoderamento e protagonismo de mulheres e dissidências de gênero.

A existência de um evento que questiona os papéis de gênero num meio histórico-cultural ocupado por homens, vai de encontro com questionamentos e conceitos abordados por Müller (2021):

Assim como algumas mulheres e a academia se perguntaram por que há “coisas de mulher” e “coisas de homem” [...]. Em minha prática docente na formação de futuras/os educadoras/es musicais, ainda observo e registro colocações como “por que os meninos do meu estágio não cantam, e correm pros instrumentos muito antes das meninas?”; “por que na minha turma de estágio as meninas têm seus violões e flautas com adesivos cor-de-rosa, e os meninos, não?”; “por que a banda de rock do primeiro ano do ensino médio não quer a participação de uma menina? (Müller, 2021, p. 4).

Um dos pontos centrais do Girls Rock Camp é justamente desconstruir essa ideia de que existem “coisas de homem” e “coisas de mulher”. O evento convida e incentiva todas as participantes a ocupar o espaço do fazer musical.

Além de ser um evento que promove o empoderamento, o Girls Rock Camp se configura como um espaço de rompimento com o modelo cis-heteropatriarcal<sup>5</sup> de ensinar

---

<sup>5</sup> “Cruzando conceitos como cisgeneridade, heterossexualidade e patriarcado, os tais operam como normas socialmente construídas como naturais, e quaisquer fugas desse padrão – como pessoas homossexuais ou pessoas transexuais – serão concebidas como não naturais” (Oliveira; Farias, 2020, p. 142).

música, como apontado por Oliveira e Farias (2020). Nesse sentido, há também a preocupação com o acolhimento de corpos e existências diversas, especialmente na edição de Curitiba, em que as organizadoras removeram o termo “Girls” de seu nome. A remoção do termo veio com a intenção de acolher ainda mais as pessoas trans que participam do evento, reforçando esse espaço de “emancipação dos corpos constantemente oprimidos e com o respeito às diferenças” (Oliveira; Farias, 2020, p. 140).

Esse acolhimento parte do princípio de que estamos inseridas(os) em uma sociedade que silencia e violenta constantemente as pessoas LGBTQIA+, como complementam Mota *et al.* (2024):

Não compreendemos a relação entre pessoas e música se não compreendermos as pessoas em suas singularidades e em suas relações com a sociedade, com o mundo e consigo mesmas. Um aspecto que constitui essa complexidade diz respeito às questões de gênero e de sexualidade, que têm sido, vale destacar, invisibilizadas, distorcidas e combatidas na contemporaneidade (Mota *et al.*, 2024, p. 2).

À vista disso, o movimento promovido pelo Rock Camp Curitiba torna-se de extrema relevância para o cenário da educação musical, pois além de ser um território de enfrentamento às discriminações, o evento celebra a diversidade de ser e estar no mundo, validando todas as identidades e potencializando as singularidades por meio de processos artísticos e pedagógico-musicais.

### **Educação musical emancipatória**

Com base nas concepções de Müller (2004), Schmidt (2021), e Oliveira (2019), compreende-se como educação musical emancipatória uma abordagem pedagógica que vai além do desenvolvimento técnico-musical, de modo a valorizar e respeitar as identidades, contextos sociais, vivências e subjetividades das estudantes. Esse conceito contempla uma formação crítica, pois promove um embasamento teórico que enfatiza a autonomia da estudante no processo de ensino-aprendizagem, colocando-a como protagonista de sua formação educativa e humana. Sendo assim, nota-se que a educação musical emancipatória está alinhada à pedagogia da autonomia e libertadora proposta por Paulo Freire (1994), assim como à educação transgressora de bell hooks (1996).

Um trecho de Schmidt (2021) contribui para a compreensão do conceito:

[...] uma Educação Musical sob o viés da emancipação aponta para alguns caminhos de reflexão e ação, para que o processo pedagógico ocorra sem neutralizar as diferenças, mas procure criar um diálogo. Uma das ações passa pelo desenvolvimento da reflexão crítica do/a educador/a, quando o objetivo das aulas de música é transversalizado por uma formação musical mais ampla, com diferentes tipos de música, culturas e sujeitos que participam ativamente do processo de ensino-aprendizagem (Schmidt, 2021, p. 159).

O Rock Camp Curitiba está diretamente conectado com esse conceito, pois promove uma plataforma propícia para que as participantes se expressem e exerçam o fazer musical longe dos olhares e construções sexistas da sociedade, dando oportunidade a um processo de libertação. Além disso, a imersão e senso de coletividade contribuem para que esse processo ocorra de forma ainda mais intensa.

A coletividade é um dos pressupostos da educação musical emancipatória, que vai na contramão de um processo individualista e competitivo imposto pela lógica neoliberal. De acordo com Schmidt (2021, p. 153), “[...] a música pode ser libertadora quando há senso de coletividade, respeito às diferenças, e desejo de compreensão dos dilemas complexos da nossa sociedade”.

A valorização do território também faz parte da teorização sobre uma educação musical emancipatória. Segundo Oliveira (2019), não há como separar o contexto social do processo pedagógico, pois se a música é compreendida como um fato histórico-social, seu ensino e aprendizagem devem ser lidos da mesma maneira. Para a autora, isso indica que dentro de uma perspectiva sociocultural do ensino da música, a heterogeneidade é forte característica que expressa as diversidades e diferenças intrínsecas à qualidade dos seres humanos. Ou seja, valorizar o contexto sociocultural significa também valorizar todos os tipos de música e as pessoas que fazem parte do fazer musical.

Seguindo esse pensamento, de acordo com Müller (2004), é fundamental desenvolvermos uma conscientização sobre questões ético-político-pedagógicas que atravessam os espaços de educação musical, de modo a adotar práticas pedagógicas que respeitem as especificidades dos alunos.

É preciso que nos movimentemos na direção de uma educação musical emancipatória, que busquemos, na mesma proporção de nossas habilidades musicais específicas, o discernimento ético e aprofundemos nossa compreensão sociopolítica e histórica da sociedade atual e do que nela se configura como a dialética exclusão/inclusão. Urge que entendamos que há enredamentos e mecanismos não explícitos no nosso cotidiano,

garantidores dessa ordem como “normalidade”, como “natural” (Müller, 2004, p. 55).

A reivindicação de Müller (2004) segue sendo atual para os debates da Educação Musical, e comprova a eficácia dos engendramentos políticos mantenedores da exclusão. Portanto, enfatizar movimentos como o do Girls Rock Camp é de suma importância, para que consigamos atravessar esses mecanismos ético-políticos que impedem a inclusão efetiva de mulheres e pessoas LGBTQIA+ nas mais diversas esferas da sociedade.

## Considerações e próximos passos

Por meio dos estudos de gênero na educação musical e dos conceitos de uma educação musical emancipatória, foi possível compreender, nesta pesquisa, os significados do processo de empoderamento de mulheres e pessoas LGBTQIA+ no contexto do Rock Camp Curitiba.

Ao se distanciar de modelos tradicionais e excludentes, as práticas pedagógico-musicais que ocorrem nesse espaço evidenciam como a música pode ser utilizada para contribuir com o fortalecimento de identidades e a construção de sujeitos críticos e autônomos. O Rock Camp promove não apenas o aprendizado musical, mas também a valorização da diversidade, o reconhecimento de experiências marginalizadas e a construção de redes de apoio.

A próxima fase da pesquisa envolverá a continuidade dos estudos para o aprofundamento da fundamentação teórica, e a análise detalhada das entrevistas realizadas com as organizadoras da edição de Curitiba. A análise das entrevistas irá contemplar um processo de articulação entre os dados empíricos e os referenciais teóricos, auxiliando na compreensão sobre a origem do Rock Camp Curitiba, das motivações e dos desafios enfrentados pelas envolvidas. Esse cruzamento visa abordar aspectos ainda pouco discutidos na literatura da área, especialmente no que diz respeito à presença ativa e significativa de pessoas LGBTQIA+ em espaços de educação musical.

Por fim, esperamos que esta investigação traga contribuições para futuras discussões sobre o protagonismo de mulheres e dissidências de gênero na educação musical, a fim de problematizar a escassez de produções acadêmicas feitas por pessoas LGBTQIA+ na área da música. Na intenção de promover o reconhecimento de vozes historicamente silenciadas e

contribuir com a literatura para uma ampliação de repertório dos conteúdos acadêmicos, esta pesquisa visou interseccionar educação musical, gênero e diversidade, no sentido de fomentar a construção de uma educação musical cada vez mais plural, justa e representativa.

## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. (1994) 43a edição. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2011.

FARIA, Maria Amélia Benicá. Ações músico-pedagógicas exclusivas para pessoas do gênero feminino: Um estudo a partir da Sociologia da Educação Musical. *Anais do XXVI Congresso Nacional da ABEM*, Ouro Preto, 2023. Disponível em:

<[https://abem.mus.br/anais\\_congresso/v5/papers/1520/public/1520-7409-1-PB.pdf](https://abem.mus.br/anais_congresso/v5/papers/1520/public/1520-7409-1-PB.pdf)>

FREITAS Jan Clefferson Costa de; MAIA Nathália Cristina Medeiros. *INTERSECÇÕES DA TRANSGRESSÃO: O Pensamento Feminista de bell hooks*. *Revista Cronos*, v. 25, n. 2, 2024, p. 99–112. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/35708> . Acesso em: 25 jun. 2025.

GELAIN, Gabriela; AMARAL, Adriana. Girls Rock Camps no Brasil: Continuidade subcultural e presença Riot Grrrl. *IS Working Papers*, 3ª série, n. 58, Porto, 2017.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUERRA, Paula; BITTENCOURT, Luiza; LAGE, Rafael; GELAIN, Gabriela. Tecnologias musicais, materialidades artísticas, e ativismo feminino: O caso do Girls Rock Camp Porto Alegre. *Anais do XXVI Encontro Anual da Compós*, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/105198/2/199441.pdf> >

GUERRA, Paula; BITTENCOURT Luiza; GELAIN, Gabriela. Brazilian girl power in a rock camp: Uma abordagem contemporânea ao “Faça Você Mesma”. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 28, p. 1-13, jan.-dez. 2021. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/38841/27028> > . Acesso em 02 de dezembro de 2024.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática da liberdade*. (1996). Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 1a. edição. São Paulo: Editora, WMF - Martins fontes, 2013.

JACOMETTI, Amanda. *GIRLS ROCK CAMP BRASIL: a importância de espaços seguros em processos de criação e produção sonora*. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em:

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-01042024-121050/publico/AmandaJacometipdfcorrigidaPPGMUS12402310.pdf>>

MARTINS, Isadora Nocchi. *Girls Rock Camp Porto Alegre: Experiências como Voluntária. Anais do 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero 11 – “Transformações, Conexões, Deslocamentos”*, 2017. Disponível em:

<<https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/arquivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6IjBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSzVPIjtzOjQ6IjUxNTkiO30iO3M6MToiaCI7czozMjoiMzk4MmQ5MDQ5YWEzNmE0ZWZmOWMzM2I0MzlyMGU2MzkiO30%3D>> Acesso em mai. 2025

MOTA, Yanaêh Vasconcelos; OLIVEIRA, Mário André Wanderley; BARBOSA, Francisco Ernani de Lima; SAMPAIO, Michel Vincent de Oliveira. Gênero e sexualidade na educação musical escolar: vamos pensar juntas? *Revista Música na Educação Básica*, v. 13, n. 16, 2024.

Disponível em: <<https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/291>>.

Acesso em: 27 jun. 2025.

MÜLLER, Vânia. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? *Revista da ABEM*, v. 12, n. 10, 2014. Disponível em:

<<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/362>>. Acesso em: 3 jul. 2025.

MÜLLER, Vânia. Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical. *Revista da ABEM* v. 29, 2021, p. 199-213.

NOGUEIRA, Isabel Porto; GELAIN, Gabriela. Girls Rock Camp promove empoderamento feminino através da música em sua edição de Porto Alegre. *Anais do XXVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, Manaus, 2018.

NOGUEIRA, Isabel Porto; MARTINS, Isadora Nocchi. Diálogos colaborativos entre sons e empoderamento: Ciclo Sônicas, Festival Sonora e Girls Rock Camp Porto Alegre. *Anais do XXVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – ANPPOM*, Manaus, 2018.

OLIVEIRA, H. S. J. de. Educação musical segundo uma perspectiva sociocultural: reflexões teóricas e práticas. *Revista on-line de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 23, n. 3, p. 592-622, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/12779>.

Acesso em: 25 jun. 2025.

OLIVEIRA, Wenderson Silva; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. *Enviadescer a educação musical, musicar a bicha e fraturar currículos: estranhamentos sonoros para pensar fazer um currículo queer*. *Revista da ABEM*, v. 28, p. 139-161, 2020.

SCHMIDT, Beatriz W. Revisitando conceitos sobre uma educação musical emancipatória. In: MULLER, Vânia, Beatriz (Org.). *no musicAR: gênero, racialização, produção de subjetividades e educação musical*. 1ed. Chapecó: Livrologia. 2021 p. 149-164.

YIN, Robert. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2ª Ed.). Porto Alegre, Bookman, 2001.